

ESPAÇOS MEMÓRAVEIS E ESQUECIMENTO: O JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS NA PAISAGEM DO CENTRO DE GOIÂNIA

MEMORABLE SPACES AND OBLIVION: THE JÓQUEI CLUBE OF GOIÁS IN GOIÂNIA DOWNTOWN LANDSCAPE

CAROLINA RODRIGUES BOAVENTURA¹

Arquiteta e Urbanista graduada pela FAU-USP
carolboaventura@gmail.com

FABRÍCIO SOUZA FIACCADORI²

Arquiteto e Urbanista graduado pela PUC-GO
fabriciofiaccadori@gmail.com

DEUSA MARIA R. BOAVENTURA

Professora Doutora e Pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás (UEG, Campus Henrique Santillo, Anápolis - GO) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

dmrbester@gmail.com

Resumo: A implantação do plano urbanístico de Goiânia de 1933 representou um importante marco do progresso e da modernização em Goiás. O Setor Central, que nesse plano é destinado aos eventos políticos e sociais, foi um dos espaços da cidade que mais representou essa modernização e que, ainda hoje, abriga os principais edifícios históricos e representativos daquele poder e daquela nova ordem social. Mas, a despeito dessa importância e de algumas ações mais pontuais de requalificação de alguns espaços, o centro e o seu patrimônio edificado têm passado por processos de popularização, ressignificação e também por um certo abandono, semelhante ao que ocorre em outras capitais brasileiras. O trabalho aqui exposto se propõe a compreender as temporalidades da paisagem urbana do centro de Goiânia a partir de um dos espaços mais tradicionais da cidade, o Jóquei Clube de Goiás, lugar de memória que guarda em si lembranças de uma importante dinâmica social da cidade. Esse edifício, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha em 1963, foi, ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990, um dos principais pontos de referência para o convívio social dos goianienses. Hoje, contudo, para além de sucessivas reformas e intervenções que o descaracterizaram, a obra está abandonada e figura na paisagem da capital como um edifício esquecido e esvaziado das ligações simbólicas que um dia estabeleceu com a cidade.

Palavras-chave: Goiânia. Centro histórico. Jóquei Clube. Memória. Paisagem urbana.

Abstract: The implementation of the 1933 Goiânia's urban plan represented an important progress and modernization footprint in Goiás. The Setor Central, which in this plan is dedicated to political and social events, was one of the city spaces that most represented this modernization and which, still nowadays, shelters the main historical buildings that represents power and new social order. But despite its importance and several punctual actions of some spaces' requalification, the center and its buildings heritage has been passing through a popularization process, a change of symbolization and some abandonment, similar to what happens with other Brazilian capitals. This work aims at understanding the urban landscape's temporality of Goiânia's city center

¹ Membro voluntário da pesquisa Rupturas e Continuidades: intervenções no Centro tradicional de Goiânia, desenvolvida pela PUC-Goiás.

² Membro voluntário da pesquisa Rupturas e Continuidades: intervenções no Centro tradicional de Goiânia, desenvolvida pela PUC-Goiás.

through one of its most traditional city space, the Jóquei Clube of Goiás, a place full of memory that carries an important social dynamic of the city's past decades. This building designed by the architect Paulo Mendes da Rocha in 1963 was, over the years 1970, 1980 and 1990, one of the main reference point for Goiânia's citizens social interaction. Yet nowadays, besides the several renovations and interventions that took out its character, the building is abandoned and is part of the capital landscape as a forgotten place as well as emptied of any of the symbolic meaning that one day existed within the city.

Keywords: Goiânia. Historical city center. Jóquei Clube. Memory. Urban landscape.

1. INTRODUÇÃO

A questão da memória coletiva como instrumento de investigação histórica é, atualmente, objeto de grandes debates entre os estudiosos. Comumente a memória é relacionada a uma imagem, a um fato ou a um evento associado ao passado e, nesse viés, ela se caracteriza como um “pacote de recordações já previsto e acabado” (MENESES, 1992, p. 10). Ou seja, é algo que se desenvolveu e se concretizou em um tempo remoto e que, portanto, tende a se desgastar e a cair em esquecimento.

No campo da arquitetura e do urbanismo, essa concepção de memória revela-se mais enfaticamente no alto número de construção de obras museológicas (MENESES, 1992, p. 9). Museus do futebol, do holocausto, da cultura judaica e dos direitos humanos são alguns dos incontáveis edifícios que foram e são erguidos, na contemporaneidade, sob a alegação de se estar, assim, atendendo às questões da memória e da cultura no espaço urbano. Huyssen (2000, p. 28) explica como a crescente fetichização da memória fomenta o discurso sobre a necessidade de proteção do passado. Para ele, esses edifícios-espetáculos justificam-se sob o pretexto de cumprirem o papel de resguardo do passado contra as velozes mudanças das cidades e o frenesi do cotidiano atual.

Abarcados pelo discurso de preservação do passado, como espaços detentores da memória, os museus e os monumentos contemporâneos inserem-se no tecido urbano, em sua grande maioria, como um equipamento de funções didáticas. O discurso que justifica tais edificações está alinhado àquele que defende a memória como sobrevivente do passado, e, portanto, sua demanda espacial na cidade é definida e solucionada com uma construção dedicada ao estudo e à pesquisa. Poucas delas, contudo, configuram-se como espaços de interação, pois nelas há uma clara separação entre o espaço e o usuário, segundo a qual o segundo é um agente passivo do primeiro.

Divergindo dessa concepção, pesquisadores como Ecléa Bosi (1994) e Ulpiano Bezerra de

Meneses (1992) defendem a memória como uma matéria em constante reconstrução, que busca responder a questões colocadas no presente. Para esses autores, é um equívoco interpretar as experiências do passado como apenas uma adição ou uma sobreposição de fatos. Assim, o passado é constantemente recriado e não pode ser entendido como objeto concluído, e sim que está em constante alteração. A respeito dessa concepção, Bosi (1994) comenta:

A memória não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. (p. 55)

Relacionando esse conceito de memória de Bosi com o espaço urbano, cumpre ressaltar ainda a diferença entre “espaços de memória” e “espaços memoráveis”. O primeiro está ligado aos espaços que falam da memória como um material de aprendizagem e, normalmente, cuida do passado como objeto distante do espectador, como ocorre com a maioria dos museus e dos monumentos, que geralmente se destacam na paisagem urbana por suas arquiteturas vigorosas. O segundo entendimento pode ser aplicado tanto para as edificações que possuem certo cuidado no desenho arquitetônico quanto para lugares como uma rua ou uma pequena praça, que, apesar de serem banais, possuem a comum capacidade de promover os encontros. Esses locais são palcos de ações cotidianas e triviais, que se consolidam nas recordações dos sujeitos por estarem fortemente conectados e entrelaçados ao seu dia a dia. Por terem suas histórias mescladas com as histórias dos indivíduos, esses espaços fazem-nos apreender as crônicas do cotidiano e os laços afetivos de uma sociedade com um determinado lugar. Dessa forma, é possível afirmar que a memória coletiva auxilia na identificação dos espaços socialmente relevantes da cidade, sendo, assim, ferramenta importante para traçar a imagem da paisagem pretérita.

Mas para se constituir um olhar mais preciso sobre a paisagem da cidade é necessário analisar as suas diversas camadas históricas e distinguir os objetos antigos dos atuais. A memória possibilita apreender a antiga paisagem e a construção do seu sentido urbano. Entretanto, as questões impostas pela dinâmica da cidade contemporânea levam os espaços tradicionais e memoráveis, com as novas intervenções, a se configurar segundo a lógica da eficiência produtiva e do consumo constante e imediato. Assim, os objetos que compõem a cidade são vistos segundo sua importância mercadológica, com edifícios que são rapidamente erguidos, consumidos e

substituídos para atender a uma sociedade que privilegia a novidade.

Além da influência do poder do capital, a cidade contemporânea também se caracteriza por uma nova concepção de tempo. O cotidiano nas grandes cidades é ditado pela precisão do trabalho e pela aceleração da rotina das pessoas, e é essa “exatidão calculista” (SIMMEL, 1973, p. 14) que influencia a percepção dos espaços, reduzindo a relação homem-lugar. Na metrópole não se “gasta” mais tempo para a contemplação ou para a prática de uma vida pública. Nela, o sentido da coletividade da *polis*, tal como Simmel interpreta, é vencido pela velocidade desenfreada do cotidiano e da labuta. Do ponto de vista histórico, esse processo resulta em um empobrecimento das memórias sociais, já que manifestações como festas ou encontros de bairro ou de grupos urbanos tendem a se esvaír.

Na tentativa de explicar o fenômeno do tempo e do cotidiano nos centros urbanos, a filósofa Olgária Matos (1997) faz uma distinção entre os conceitos de cidade e de metrópole. O primeiro, conforme a autora, caracteriza-se pelo tempo lento, pelos seus signos e ritos, pelo valor de uso e pela importância dada à sua história, que representa a “soma de experiências próprias, de práticas cotidianas” (MATOS, 1997, p. 120). Já o segundo conceito, segundo a autora, é a negação do primeiro. A metrópole é definida pelo esgotamento do coletivo ou das classes, é o lugar da “multidão amorfa” que habita o “lugar de consumo” e que também consome o lugar (MATOS, 1997, p. 121).

Milena Valva (2001) aponta que a constituição das grandes cidades se dá a partir de duas categorias: a fragmentação e a justaposição. Para ela, os objetos que compõem a cidade estão em constantes rearranjos, decorrentes das relações de tempo e de consumo próprias da metrópole, como já mencionado. Assim, a cidade contemporânea é vista como um conjunto formado por fragmentos de objetos urbanos de distintos períodos, que são justapostos na paisagem com frágeis relações entre si.

Nesse contexto, os espaços memoráveis e as antigas construções que perduram na cidade, apesar da pressão do mercado imobiliário e da sua perda original de significado, passam a assumir um outro papel na paisagem: o de ruínas. Estas, sempre na incerteza de sua existência, marcam a magnificência de uma época e revelam, na atualidade, aquilo que aparentemente não tem mais importância para a sociedade. No caso de Goiânia, suas ruínas são diferentes das ruínas italianas narradas por Matos (1995): não são distantes nem carregam simbologias míticas e enigmáticas. Esses lugares são recentes e ainda se encontram relativamente presentes na memória

de grande parte da população. Eles se caracterizam também por terem sido os lugares sociais mais frequentados e refinados da cidade, e que por isso constituem o “patrimônio de cada indivíduo, de suas fantasias, da aspiração de viajar em sentido inverso ao da morte” (MATOS, 1997, p. 124). Destacam-se em Goiânia atualmente, como exemplos dessas ruínas, a sede social do Jôquei Clube de Goiás, o Grande Hotel e a antiga Estação Ferroviária de Goiânia, todos localizados no centro tradicional da cidade.

A atual sede social do Jôquei Clube de Goiás, objeto de reflexão deste artigo, ocupa o mesmo terreno onde foi erigida a primeira sede do clube. Este, um casarão de feições ecléticas que se ergueu no vazio da paisagem goianiense e que entre os anos 1940 e 1960 foi palco de importantes eventos sociais, notabilizando-se como o espaço de encontro mais elitizado da jovem capital. Na década de 1970, esse edifício foi demolido para dar lugar à atual sede social, cujo projeto é do arquiteto paulistano Paulo Mendes da Rocha. O edifício modernista marcou uma nova fase do clube, destacando-se pelos acontecimentos esportivos que promovia, tais como os grandes torneios de basquete e de sinuca. Suas festas de Ano Novo e de Carnaval também foram referências na época. Depois de passar por diversas transformações e readequações de seu espaço físico, no fim da década de 1990 o clube começou a enfrentar sérias crises financeiras e administrativas, que culminaram com seu fechamento em 2015.

Paralelamente, a paisagem do núcleo histórico de Goiânia também passou por diversas transformações em seu plano original. A verticalização de importantes avenidas como a Goiás, o alargamento das vias e a diminuição das calçadas para pedestres, por exemplo, foram gradualmente alterando a relação dos moradores com o espaço público. O surgimento de novos espaços comerciais, como os shopping centers, e a expansão da cidade, com o surgimento de novas centralidades, mudaram o perfil comercial do bairro. Também a oferta de novos conceitos de lazer e moradia (condomínios verticais, em um primeiro momento, e horizontais, posteriormente) levou os moradores de maior poder aquisitivo para outras áreas. Esses movimentos alteraram a paisagem desse espaço, mas não levaram, contudo, ao seu esvaziamento tampouco ao seu completo abandono. Ao contrário, como aponta Grande (2016), o Setor Central foi e vem sendo ocupado por diferentes usos e perfis de usuários que trazem uma nova dinâmica para a área. Junto a esta nova condição, o setor ainda tem contando com edifícios antigos que são ressignificados e mesmo outros que a despeito de suas importâncias históricas e suas expressivas presenças na paisagem são marcados pelo esquecimento.

Este artigo se propõe, então, a estudar as diferentes temporalidades e as transformações da paisagem do Centro Tradicional de Goiânia, a partir da história arquitetônica e social do Jockey Clube de Goiás, por ser ele, indiscutivelmente, um dos mais relevantes marcos dessa região da cidade. Pesquisando a forma como esse edifício ao longo do tempo participou da paisagem da cidade e do âmbito cultural goianiense, busca-se compreender também o processo que transforma edifícios memoráveis em ruínas, que embora esquecidas, guardam cenas e práticas de um cotidiano do passado ainda não distante. Para tal empreitada, recorreu-se, além de fontes documentais e levantamentos no local, a relatos orais de usuários de distintas fases do clube e a imagens históricas e contemporâneas tanto do edifício quanto de seu entorno.

1.1. GOIÂNIA E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM MODERNA

Em decorrência da recessão mundial de 1929, Getúlio Vargas, ante o declínio do modelo agroexportador brasileiro, propõe a substituição do sistema agrário pelo intenso investimento na produção industrial nacional. O projeto de modernização e industrialização do governo populista previu a ocupação de toda extensão territorial, a restauração da comunicação interestadual e a centralização dos setores econômicos e políticos do país sob o poder da União. Essa movimentação política, conhecida como “Marcha para o Oeste”, promoveu a ocupação do sertão, em nome da imagem utópica de progresso e modernização. A abolição da autonomia local e o enfraquecimento das oligarquias eram, portanto, necessárias para a consolidação do projeto de unificação do território brasileiro.

Em Goiás, a tradicional oligarquia Caiado foi substituída pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, médico e sanitarista comprometido com o progresso aos moldes varguistas. Ele ficou com o encargo de mudar a sede administrativa do Estado, transferindo-a da antiga Cidade de Goiás para uma nova cidade, planejada e de desenho urbano inovador. Assim, o governo federal buscou solucionar o isolamento social, político e econômico do Centro-Oeste em relação aos grandes centros da época. A nova capital, como comenta Machado (2007, p.68) foi a materialização do projeto de integração nacional e a interiorização geográfica que “garantiria” para o Brasil um futuro glorioso e o definitivo abandono de sua imagem de país atrasado.

Em 1933, o Plano Diretor da nova capital, assinado pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, foi concluído. O projeto, que continha as primeiras diretrizes para a cidade,

claramente refletia as influências estéticas adotadas pelo urbanista. O desenho propôs um cenário composto por praças geométricas e bulevares semelhantes ao modelo adotado por Haussman para a requalificação de Paris. Destacam-se também, como reforça Manso (2001, p. 204), a influência de algumas experiências do Movimento Moderno, tais como o zoneamento, a ortogonalidade e os *green belts* (anéis verdes).

Em consonância com as proposições de urbanização moderna, Corrêa Lima também demonstrou cuidado ao estabelecer espaços destinados à sociabilidade e ao lazer. Para os espaços abertos, ele utilizou a vegetação e a hidrografia existentes. Os córregos, de acordo com o desenho proposto, deveriam ser preservados por uma faixa de cinquenta metros, formando os *park-ways*. Os espaços verdes foram estipulados em três grandes parques urbanos: o Botafogo, o dos Buritis e o Paineiras, que, além de serem espaços de lazer e preservação, também serviam como pontos de escoamento da água. Para os espaços destinados à socialização, foram previstas três áreas: a do estádio municipal, a do Automóvel Clube de Goiás e a dos clubes esportivos.

Nesse momento a sua paisagem ainda era predominantemente natural, destacando-se apenas o traçado de alguns espaços públicos e poucos edifícios emblemáticos dessa modernidade (Figura 1), a exemplo da Praça Cívica - planejada e efetivada como cenário dos grandes eventos políticos e cívicos -, o antigo edifício eclético do Jóquei Clube, o Grande Hotel e o Teatro Goiânia, lugares de cultura e encontro que marcaram efetivamente esse momento inicial da história da cidade.



Figura 1: Praça Cívica e vias do Setor central, com edifícios públicos, em 1937. Foto de Antônio Pereira da Silva
Fonte: Acervo MIS/GO

1.2. O SURGIMENTO DO JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS: OS ANOS 1938-1960

O Automóvel Clube de Goiás, antiga denominação do atual Jóquei Clube, foi fundado no dia 10 de março de 1938. Implantado na mesma área da atual sede, foi o lugar destinado para abrigar os grandes eventos de uma sociedade ainda em formação. O trecho da matéria do jornalista Marcos Bandeira, publicada no jornal *O Popular*, mostra o seu nascimento quando o espaço urbano da cidade ainda estava em processo de consolidação:

O Jóquei Clube nasceu praticamente junto com Goiânia. Fundado em 1938, seus muros seriam um dos marcos divisórios da cidade até a década de 50, quando a Avenida Anhangüera (sic) ainda era uma estrada de duas pistas, sem asfalto, ladeada por matas e campos, que ligava a recém-criada Goiânia, nova capital do Estado, à histórica Campinas. (...). O presidente Getúlio Vargas serviu-se dele para vir a Goiânia, em 1940, inaugurar o Jóquei Clube de Goiás. O clube, com suas matinês dançantes, era um dos principais pontos de encontro da cidade. (BANDEIRA, 29/06/2003)

O casarão eclético da primeira sede do Jóquei Clube de Goiás (Figura 2), inaugurado pelo interventor político e “pai” da cidade Pedro Ludovico (MANSO, 2004, p. 65) e cujo projeto foi assinado por Eurico Viana, é sempre lembrado como um espaço agradável inserido numa paisagem bucólica. Seus salões, espaços mais comentados em entrevistas, eram o palco onde as damas “desfilavam a última moda em chapéu e os senhores seu traje de gala” (BANDEIRA, 29/06/2003).



Figura 2: Automóvel Clube de Goiás
Fonte: www.opopular.com.br

As glamourosas festas de debutantes e bailes de Carnaval pareciam, entretanto, atender apenas a uma pequena parcela da população: a restrita elite goianiense (Figura 3). Uma antiga frequentadora comenta as origens elitistas do Clube e seus eventos:

Eu não sei se você tem as fotos do salão, eles falavam salão nobre. Era todo de pedrinha. O salão do Jóquei era a sede e lá tinha os bailes. Agora parece que não se fala mais baile, hoje é balada (...). Então, era tradição do Jóquei nesse salão nobre, nessa sede social, que é no mesmo lugar, lá na Anhanguera, os bailes. Era baile de formatura e baile de debutante. (CUNHA, 2013. Informação verbal)



Dr. Pedro divertindo-se no carnaval — Jóquei 1960

Figura 3 - Festa de carnaval, com a presença de Pedro Ludovico Teixeira
Fonte: Seplam (1960).

Apesar dos grandes investimentos em urbanização, nesse período, a capital se construía a passos lentos e a cidade de Campinas ainda era o principal centro da região, como revela Menezes, morador da jovem cidade de Goiânia.

Goiânia não tinha nada, tinha só um armazém, onde hoje é a Praça do Botafogo, chamado “A Casa Ivis”. As compras de emergência se faziam ali, mas quando você queria fazer qualquer compra maior, você tinha que ir em Campinas. Então, eu ia buscar leite diariamente em Campinas, porque Goiânia não tinha leite. Desde os seis anos de idade eu ia lá, e ia sozinho. (MENEZES, 2013. Informação verbal)

Como se vê, naquele momento, Goiânia ainda era uma incipiente cidade, e contava apenas com os edifícios do Palácio do Governo, da Prefeitura Municipal e do Grande Hotel. O centro da cidade ainda não havia cumprido o seu papel de espaço dinâmico e plenamente apropriado pelo povo, estando longe de ser independente quanto à infraestrutura e ao abastecimento. A paisagem da nova cidade era bastante rarefeita e contava com poucas edificações. Imagens e documentos antigos mostram como o passado agrário dos carros de boi e das estradas de chão conviveram ao lado das poucas construções erigidas no estilo art déco, que

representava a modernidade almejada.

1.3. O EDIFÍCIO MODERNO: 1960-1980

O período que se inicia no ano de 1964 foi marcado pelo abandono da severa fiscalização do Estado sobre o crescimento urbano. Em consequência desse fato, Goiânia sofreu um acelerado processo de modificação de sua malha urbana. Como aponta Oliveira (2015, p. 59), a “predileção pela verticalização parecia se tornar o novo paradigma do desenvolvimento e de afirmação do poder político local”, transformando a paisagem do Setor Central.

Aproveitando o “afrouxamento” das leis de controle de adensamento e de limite de gabarito, o investimento privado passa a ter controle sobre a cidade, alterando-a indiscriminadamente. Novos loteamentos e edifícios de apartamentos são lançados, com financiamento do Banco Nacional de Habitação. As quadras são alteradas, as torres tomam os lugares dos antigos sobrados, e o desenho original do centro, bem como a sua paisagem inicial, vai, aos poucos, se perdendo.

Nesse mesmo período, e diante do veloz crescimento da região, iniciaram-se as primeiras movimentações de migração das camadas altas da sociedade em direção aos setores Oeste e Sul. Esse deslocamento, apesar de ainda embrionário, foi provocado pelos altos níveis de densidade populacional e pelo aumento do trânsito no centro da Capital (VAZ, 2002, p. 101).

Na década de 1970, não alheios às intensas mudanças no centro da Capital, e mais particularmente do seu entorno, os gestores do Jóquei Clube sentiram-se também obrigados a acompanhar o “progresso” sob o qual a cidade se redesenhava. Além do surgimento de novos clubes sociais, que ofereciam mais espaços livres e eram mais luxuosos, como o Country Clube de Goiás e o Clube de Regatas Jaó, a necessidade de readequação às novas demandas foi, nesse momento, imperativa. A sociedade joqueana optou, portanto, pela demolição do edifício de traços ecléticos, ou seja, pelo enterro de seu passado pitoresco, e, para atender às aspirações de uma maior modernização e funcionalidade, o desenho brutalista do arquiteto Paulo Mendes da Rocha foi a resposta encontrada. Sobre a obra, projetada em 1963 e concluída em 1975, o principal jornal da cidade escreveu: “De projeto arquitetônico dos mais modernos, o Jóquei Clube, hoje, não é mais apenas um conjunto de piscinas ou um antigo casarão que lhe servia de sede. Edificação no centro da cidade, o Jóquei é o mais moderno clube social do Estado e um dos melhores do País” (O POPULAR, 9/02/1975).

O edifício implantado em um terreno de 22 mil m² e com área construída de 11.500 m² (ARTIGAS, 2006, p. 124) se destacava na modesta paisagem da Rua 3, não só pelo seu caráter compacto como também por uma linguagem arquitetônica arrojada e de contrastes, marcada pela forte presença de uma caixa de concreto elevada que se apoia em volumosos pilares situados no perímetro da obra (Figura 4). Internamente além do espaço se organizar em diferentes níveis, ele se apresenta com uma completa fluidez, que permite plena integração entre os distintos ambientes sociais tais como os do salão de festas, do restaurante e da sauna. Por fim a paisagem se completava com a junção dos três ambientes externos: o bosque, as piscinas e as quadras. Estes três situados em extremos opostos, eram conectados visual e fisicamente por uma generosa rampa central.



Figura 4 - Projeto de Paulo Mendes da Rocha para a sede social do Jóquei Clube, em 1975
Fonte: www.arquiografia.org.br/

Mas, a despeito da inovadora arquitetura, o recorrente e gradativo abandono do Setor Central pelas elites alterou o perfil dos frequentadores do Jóquei Clube, passando ele a receber usuário mais jovens e conseqüentemente um importante espaço de encontro de adolescentes, esportistas e das novas famílias de classe média. Foi nesse momento que o clube se destacou pela prática esportiva e pela sua intensa movimentação nas festas de Carnaval e Ano Novo (Figura 5). Sobre esse momento da história do clube, o que se nota nos depoimentos coletados é a ênfase na sua importância como um espaço social de qualidade. São, portanto, as atividades, as festas e os encontros que ali aconteciam os melhores momentos lembrados pelos entrevistados.

O Jóquei, durante muitos anos, foi um clube muito frequentado. Muito cheio. Com muitos jovens, muita gente bonita. Mais do que os outros clubes da época, ele sempre se destacou por isso, pela jovialidade das pessoas. Acho que o principal foi isso: essa sensação de estar em clube de jovens, um clube novo. Novo no aspecto da arquitetura e novo no aspecto do ambiente. (CAIXETA, 2013. Informação verbal)



Figura 5 - Carnaval na sede social do Jóquei Clube na década de 1980
Fonte: Acervo de imagens do Jóquei Clube.

Por volta dos anos 1980, as classes mais abastadas da região central da cidade deslocaram-se de suas casas para edifícios de apartamentos, inicialmente para aqueles localizados nos setores Oeste, Marista e Aeroporto e a partir do fim da década, para os do Setor Bueno (ROCHA, 2016, p. 61). Os bairros recém-verticalizados, onde as construtoras e incorporadoras investiram intensamente em edifícios de alto padrão, tornaram-se o novo espaço da elite goiana. Para ilustrar tal fato, Vaz (2002) fez uma pesquisa em anúncios publicados no jornal *O Popular* durante o período de 1975 a 1985. Constatou a autora que, em 1975-1976, dos 34 lançamentos de apartamentos anunciados, 16 estavam localizados no Setor Central; cinco, no Setor Oeste; e quatro, no Setor Sul. Durante os anos de 1977 a 1985, 58 obras de habitação de alto padrão foram lançadas no Setor Oeste, ao passo que apenas 13 obras foram construídas no Centro.

A intensa verticalização e a dispersão dos serviços e da habitação do Centro são atribuídas ao Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia (PDIG-75), concebido pelo arquiteto Jaime Lerner em 1969 e revisado em 1975. O Plano, mesmo sendo uma tentativa de resgate do “controle” da cidade, criou os meios e os instrumentos necessários para que as camadas de maior poder aquisitivo, bem como a especulação imobiliária, continuassem a definir e dominar o

processo de produção do espaço.

Para minimizar tais problemas da região central de Goiânia, algumas ações previstas no PDIG-75 foram implementadas: alterações e adequação do transporte público na Avenida Anhanguera, na direção leste-oeste, e implantação do corredor de transporte na Avenida Goiás, no eixo norte-sul. Mas, apesar desses esforços, a narrativa trazida pelos jornais da cidade sobre o centro tradicional aponta, insistentemente, que nessa época o abandono e a falta de investimentos eram os principais problemas da região. Somava-se a esse quadro a ineficácia do transporte coletivo, que contribuía para o excessivo uso do transporte individual e, conseqüentemente, para a insuficiência de espaços destinados ao estacionamento de veículos. Desenhava-se, assim, uma situação que se mantém até os dias atuais. Embora o Setor Central mantenha seu uso misto, o perfil dos moradores e do comércio vai gradualmente se popularizando, conformando uma nova paisagem.

Na década de 1980, o Jockey Clube, assim como o centro de Goiânia, passava por um período marcado por uma série de intervenções que o descaracterizaram. Essas reformas buscavam, sobretudo, adequar o clube às novas demandas, solicitadas pelo seu público frequentador, que já temia que o ainda elitista clube sofresse o mesmo processo de popularização que atingia o Setor Central. A primeira dessas intervenções, de autoria desconhecida, foi a construção de duas quadras de tênis, localizadas ao lado das que haviam sido construídas segundo o projeto de Mendes da Rocha. Em uma das novas quadras foi proposto o uso de uma estrutura metálica, de tipologia semelhante à dos galpões para estocagem, que em nada dialogava com a caixa de concreto.

A segunda delas, a maior, foi proposta pelo arquiteto Antônio Lúcio Ferrari e visava solucionar o problema de acessibilidade ao clube. Para tanto, foi feita a substituição da passagem que ligava à Avenida Anhanguera e Rua 3 às quadras por um estacionamento privado, destinado aos usuários. Além disso, na área localizada acima desse novo estacionamento foram construídas mais uma piscina e outra quadra de tênis. Com essas intervenções, a interessante relação que o clube possuía com o espaço urbano – a entrada do edifício era praticamente uma extensão da calçada – foi perdida, sinalizando a dissociação que ocorreria, a partir dos anos 1990, entre o edifício e seu entorno, e, conseqüentemente a alteração de uma paisagem que se singularizava pela conexão entre dois importantes eixos.

Como parte ainda desse conjunto de alterações, destaca-se a remoção de parte do bosque

para abrigar um novo espaço infantil, com piscinas, tobogãs e playground. Também a adição de um painel cerâmico na entrada do edifício, proposta pela arquiteta Maria Eliana Jubé, interferiu na importância do concreto aparente na obra. Destarte, pode-se concluir que as intervenções realizadas na sede social do Jóquei Clube, apesar de justificadas pela precariedade do seu entorno, pouco dialogavam com o partido original, tampouco agregavam valores estéticos e arquitetônicos à obra modernista. Esse momento passa a ser marcado então por ações mais expressivas que levam o edifício do Jóquei a assumir novas feições que revelam a sua insignificância, o seu esquecimento enquanto patrimônio da cidade e espaço depositário de memória.

1.4. DE EDIFÍCIO MEMORÁVEL À RUÍNA CONTEMPORÂNEA: 1990-2016

Ao contrário de seu entorno – que, apesar de suas inúmeras modificações, conseguiu se manter como uma região frequentada por causa da ressignificação de seus espaços e da alteração de seus usos –, a sede social do Jóquei Clube de Goiás não conseguiu se adaptar à nova realidade social e urbana da cidade de Goiânia. Como já visto, durante o período das décadas de 1980 e 1990, as reformas e ampliações no edifício foram inúmeras, em busca de modernização das suas instalações e para atender o público, que sempre exigia contínua novidade. No entanto, as intervenções, além de descaracterizarem o partido original, levaram a instituição a assumir dívidas altíssimas.

Mesmo com essas tentativas para readequar o espaço físico e atrair e manter seus associados, o Jóquei foi perdendo sócios em um processo acelerado: se nos fins dos anos 1990 o clube contava com 4,5 mil sócios, em 2003 esse número já havia sido reduzido para apenas 900 (BANDEIRA, 29/06/2003). A dívida do clube era de mais de 4 milhões de reais (BANDEIRA, 29/06/2003) e entre suas pendências estava o pagamento de funcionários e fornecedores. A inadimplência foi tamanha que em 2003 o fornecimento de água, luz e energia foi cortado.

A degradação do espaço e a desconstrução da imagem de vitalidade que o clube possuía, também, foram recorrentemente relatadas nos depoimentos colhidos.

Eu fui vendo a decadência, porque, antigamente, quando tinha eleição para escolher presidente, era um evento na cidade. Depois foi aquela coisa: parece que ninguém queria mais e foi se tornando uma coisa meio que imposta. E eu vi a decadência do Jóquei, aí eu não tive mais vontade de frequentar. Aí já estava muito deserto e eu tinha medo de deixar a minha filha lá. Já não tinha mais recreadores (sic), já não tinha as festas. Aí eu fui perdendo a vontade. Que é uma pena! (CUNHA, 2013. Informação verbal)

Vários fatores são apontados como causadores dessa situação de abandono do Jóquei Clube. A má administração e o excesso de reformas realizadas, muitas vezes inadequadas ou desnecessárias, foram o início do endividamento da instituição. Por outro lado, essas reformas não conseguiram corresponder às novas demandas dos associados, diante da alteração dos hábitos de lazer da sociedade. A extensa e crescente variedade de opções de lazer dos shoppings espalhados pela Goiânia contemporânea fez deles os espaços de encontro por excelência da sociedade goiana. Os tradicionais espaços públicos da cidade, bem como àqueles dos antigos encontros sociais ou são ressignificados ou esquecidos. O crescimento do número de condomínios fechados também é um fator a ser considerado. A maior parte dos empreendimentos possui bosques e piscinas privativos, substituindo a necessidade dos clubes sociais. Entretanto, a consolidação da imagem do Setor Central como área perigosa é a razão mais preocupante e que gera maior repulsão das camadas mais elitizadas da sociedade à região.

Os impasses judiciais ocorridos entre 2003 e 2010 quase levaram à extinção da instituição e de sua edificação. Para salvar seu patrimônio, o Jóquei Clube vendeu para o Estado parte da área de um imóvel que lhe pertencia, o Hipódromo da Lagoinha, localizado no bairro Cidade Jardim. Mesmo com essa pequena recuperação financeira, o montante arrecado não foi suficiente para quitar as dívidas e realizar as reformas necessárias para a reabertura do clube. As propostas que o Jóquei Clube recebeu para a venda da área foram inúmeras, entre elas, as de empresários interessados na construção de um shopping e de um centro esportivo, como demonstram trechos de matérias publicadas no jornal *O Popular*:

Um dos clubes de esportes e lazer mais tradicionais de Goiânia, o Jóquei Clube, na Avenida Anhanguera, Centro, poderá abrigar um shopping center em 2007. O centro de compras seria instalado numa área de 10 mil metros quadrados, onde está a estrutura de concreto que abrigava os grandes eventos no clube. (MONTEIRO, 30/12/2006)

Na tentativa de ver o Jóquei Clube de Goiás a pleno vapor, como nos tempos áureos de seu maior vigor social, várias propostas têm surgido como tentativa de solucionar a problemática em que o clube está envolvido. O empresário, do ramo imobiliário e turístico, Gilson Ramos se destaca pelo entusiasmo. Sócio do Jóquei há quase 20 anos, Gilson Ramos vê na estruturação de um Centro Esportivo no Jóquei a solução para a maior parte dos problemas do clube. (BANDEIRA, 29/06/2003)

Em 2008 os administradores do clube assinaram um contrato com a Faculdade Padrão. Em troca do pagamento das dívidas do Jóquei Clube, a instituição de ensino teria o direito de usar suas instalações e administrar seu espaço físico. A antiga área do bosque e do parque infantil foi

completamente removida e atualmente é um estacionamento controlado pela Faculdade (Figura 6).

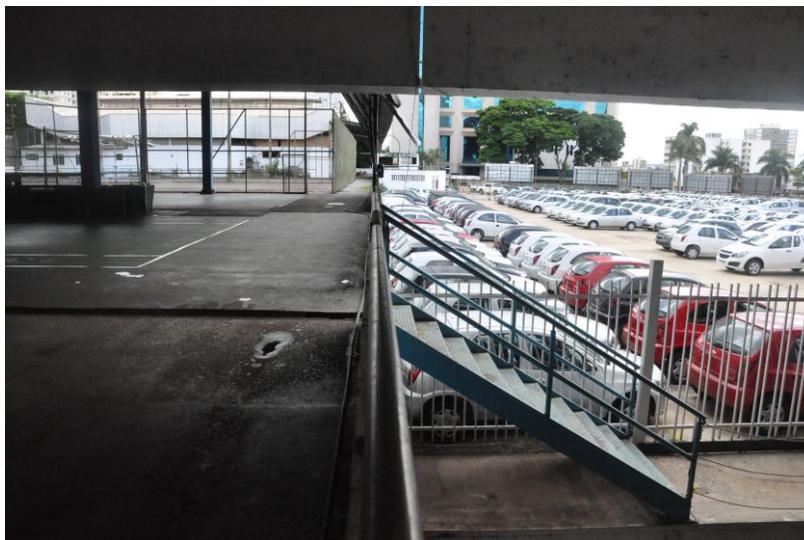


Figura 6 - Área do antigo bosque ocupado como estacionamento, em 2013
Fonte: Fotografia de Autor (2013).

Essa remoção eliminou a relação mais interessante da proposta do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, pois no conceito original, o clube se organizava em dois extremos: o espaço do bosque e o das águas. A caixa de concreto, portanto, era a responsável pela conexão visual e espacial entre dois extremos. Com a derrubada da área verde, a paisagem de até então ficou descaracterizada.

Na década de 2000, o clube, apesar de manter suas portas abertas ao público e a sócios remanescentes, possuía poucas atividades e movimento. Um time de basquete ainda treinava periodicamente no local e algumas aulas de dança eram ministradas no salão principal. As poucas pessoas que frequentavam as piscinas, a academia e a sauna conviviam com mobiliários quebrados e um debilitado serviço de alimentação. O último nível, onde se localizava o restaurante, apesar de guardar lembranças de um tempo glamoroso que se passou, estava em ruínas, com destroços de um forro que havia desabado (Figura 7). Mas apesar desse panorama, a ideia do antigo restaurante sofisticado ainda se manifestava, nos fazendo lembrar das palavras da filósofa Olgária Matos, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*:

E se ruínas revelam, do ponto de vista da duração, a insignificância das coisas, também, na mesma medida, para a imaginação, são míticas e indestrutíveis. Há sempre nelas algo de platônico. A dispersão temporal não é o mundo do caos, mas estado de ruína. Ruína: resíduo e lembrança. Em meio ao desaparecimento, são as ruínas guardiãs do imperecível. São vestígios do invisível. (MATOS, 29/10/1995)



Figura 7 - Área do restaurante desativado em 2013
Fonte: Fotografia de Autor (2013).

Em 2014, apesar de todo o esquecimento do Jóquei Clube de Goiás por parte da população goianiense e a descaracterização do seu edifício, notava-se ainda o uso dos seus espaços internos, tal qual foi planejado por Paulo Mendes. Mas nesse momento o espaço era utilizado por um usuário de menor poder aquisitivo e de maior faixa etária. Aos domingos, o salão principal voltava a ser ocupado por bailes dançantes populares, e a sala de bilhar recebia antigos sócios que ainda mantinham o hábito de se encontrar para participar de pequenos torneios e competições. Em menor proporção, a área das piscinas também recebia visitantes que moravam próximos e que frequentavam o clube para nadar ou tomar sol. A quadra de basquete, um dos locais em melhor estado de conservação, ainda era o espaço onde havia treinos diários do time que levava o nome do clube.

Em 2015, com o corte do fornecimento de energia por falta de pagamento, o clube foi gradualmente encerrando suas atividades, como aponta a reportagem de Vandrê Abreu (16/04/2015): “Abandonado, sem luz e água, Jóquei Clube agoniza”. Atualmente encontra-se em estado de abandono e sem uso, com seu parque aquático totalmente desativado (QUIXABEIRA, 2016). Esse “estado de ruína” e de esquecimento verificados internamente também se revelam na

paisagem onde o edifício está inserido. Atualmente o Jóquei Clube praticamente se oculta no contexto dessa paisagem, pois encontra-se cercado por altos muros cobertos de pichações e propagandas, bastante comuns no cenários das cidade brasileiras contemporâneas (Figuras 8 e 9). E assim sendo um dos ícones da modernidade goiana vai perdendo a sua força enquanto monumento memorável, e a apreensão do seu sentido se dissolve, se distancia, apesar de guardar em si os “vestígios do invisível”.



Figura 8- Tomada externa da esquina das Rua 3 e 11, Setor Central
Fonte: Fotografia de Autor (2016).



Figura 9 - Tomada externa da Rua 3, Setor Central, em perspectiva
Fonte: Fotografia de Autor (2016).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de abandono verificado no Setor Central de Goiânia é, como já apontado, recorrente na paisagem da cidade contemporânea. A partir da pós-modernidade prevalecem o

consumo imediato e o culto do novo e do efêmero. Impõe-se uma dinâmica de vida cada vez mais acelerada, ditada pela enorme produção de dados e informações e pelo aumento exponencial da velocidade com que são transmitidos. Facilmente o espaço público tornou-se, então, local de passagem, e não mais de uso e encontro, perdendo rapidamente seu significado urbano e esvaziando de sentido espaços outrora memoráveis. Assim, edifícios em “estado de ruína”, tal como se encontra hoje o Jóquei Clube de Goiás, são cada vez mais comuns na paisagem das zonas centrais das cidades. E mais: a despeito da significância histórica e simbólica que tenham, pouco são notados, tornando-se ruínas invisíveis em um crescente processo de esvaecimento da memória. A dinâmica urbana contemporânea não favorece a contemplação e o vagar do homem pela cidade. Logo, a memória, que, como já afirmamos, é matéria de constante reconstrução, perde-se em meio a esse frenesi urbano.

Goiânia possui hoje proporções e características de uma metrópole e reflete, portanto, essa clara valorização do novo e do descartável, típicos da contemporaneidade. Mas se por um lado as questões do consumo e da aceleração do tempo atravancam as propostas que buscam enfatizar os espaços memoráveis, sobretudo, no seu centro histórico, este vem passando também por processos de reapropriação e ressignificação, uma vez que as estratégias de requalificação dos espaços também fazem parte da nova lógica das práticas do urbanismo contemporâneo.

Ainda que incipiente, há um movimento que propõe a retomada dos espaços do centro de Goiânia, ou a ocupação de algumas de suas antigas edificações para a realização de atividades culturais e de lazer. Podemos, inclusive, destacar intervenções e ocupações próximas ao Jóquei Clube, nas Avenidas Anhanguera e Tocantins e na Rua 3. Em 2006, o espaço que abrigou o tradicional Cine Ouro, na Rua 3, foi reformulado pelo poder público para sediar o Centro Cultural Goiânia Ouro, que conta com cinema, teatro, café, *foyer* para exposições de arte e biblioteca pública. Por estar dentro de uma galeria comercial, o Goiânia Ouro, apesar da dinâmica de uso que trouxe ao espaço, pouco interfere na paisagem.

Situação diversa ocorre com o já emblemático edifício símbolo da imagem da cidade, o Teatro Goiânia, situado na confluência da Avenida Tocantins com a Rua 23. Restaurado em 2010, o edifício recebeu considerável alteração na paisagem que o circunda com a inauguração, em 2013, da Vila Cultural Cora Coralina, situada no cruzamento da Rua 3 com a Avenida Tocantins. Comércio e residências que ocupavam a quadra onde está o teatro foram desapropriados, e ali foi construída uma praça de convivência aberta, que expõe para a cidade a fachada posterior do

edifício. Praça e teatro formam hoje um conjunto que se destaca na paisagem. A Vila Cultural propriamente dita, com espaços de exposição, ensino e eventos, ocupa o subsolo.

A partir da ação do poder público, esses três espaços têm-se firmado, não sem oscilações, como locais de encontro e atividades culturais. Já na quadra 21, a mesma que abriga o Cine Ouro, o denominado Beco da Codorna foi reapropriado e ressignificado, independentemente de qualquer ação organizada do poder público ou do setor privado. O beco, que na década de 1980 era tradicional ponto de encontro para a *happy hour*, vinha sendo usado ultimamente como mero estacionamento no horário comercial. Mais recentemente, contudo, e mediante a “articulação popular”, ele foi apropriado por um público jovem, atuante em movimentos de cultura alternativa, especialmente o grafitti, e configura-se hoje como uma galeria aberta de arte urbana e palco frequente de eventos musicais (GRANDE, 2016).

Por tudo isso, vemos como é fundamental resgatar a importância das camadas antigas da cidade, pois são elas que carregam sua história e tradição. Apesar dos contínuos processos de transformação, o Setor Central e o Jóquei Clube possuem, além de suas importâncias históricas, potencialidades de intervenções que, ao destiná-los novamente ao público, permitirão a reconstrução do seu sentido urbano. Nesse aspecto, o centro da cidade, o bairro ressignificado, e a sede do Jóquei Clube, o edifício ruína, são pontos-chave para reestabelecer o lugar da memória na Capital.

3. REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Rosa (Org). **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BERNARDES, Marina Nahas Dafico; CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. **Jóquei Clube**. Artigo de Iniciação Científica apresentado à Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/MARINA_N.PDF>. Acesso em: 14 / mar. 2013.

BOAVENTURA, Carolina Rodrigues. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). São Paulo, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo vivo da memória: de psicologia social**. São Paulo: Aletti Editorial, 2003.

GRANDE, Ivan Oliveira de. **Setor Central de Goiânia:** usos e contra-usos no espaço público. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2016.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MACHADO, Laís Aparecida. Uma Cidade no sertão. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira Lima; MACHADO, Laís Aparecida (Orgs). **Formas e tempos da cidade.** Goiânia: Editora UCG, 2007.

MANSO, Celina Fernandes Almeida (Org.). **Goiânia art déco:** acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento (v. 1, 2 e 3). Goiânia: Seplam, 2004.

_____. **Goiânia:** uma concepção urbana, moderna e contemporânea - um certo olhar. Goiânia: Ed. do Autor, 2001.

MATOS, Olgária. **História viajante:** notações filosóficas. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.** n. 34, p. 9-24, 1992.

OLIVEIRA, Irina Alencar de. **Avenida Goiás:** lugar, monumento e memória. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

ROCHA, Helloá Vicente Fernandes. **Tipologia dos edifícios de apartamentos:** Bosque dos Buritis e Lago das Rosas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Orgs.). **Lina por escrito:** textos escolhidos por Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço:** Técnica e Tempo; Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades a vida do espírito. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano.** Zahar: Rio de Janeiro, 1973.

VALVA, Milena d’Ayala. *Paisagens da memória: algumas ruínas em Goiânia.* **Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás.** Ano I, v. 1, n. 1, 2º sem. 2001.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. **Transformação no Centro de Goiânia:** Renovação ou reestruturação? Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2002.

_____. Percorrendo a História do Centro. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI,

Lana de Souza (Orgs.). **A Cidade e seus Lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

✓ **Artigos de jornal**

ABREU, Vandr . Abandonado, sem luz e  gua, J quei Clube agoniza. **O Popular**, Goiânia, 16/abr./2015.

ASSIS, Deire. Diretoria eleita volta ao J quei. **O Popular**, Goiânia, 22/jan./2010.

BANDEIRA, Marcos. Com uma d vida de mais de 5 milhões de reais, a administra o do J quei Clube de Goiás se desdobra para reerguer o clube. **O Popular**, Goiânia, 29/jun./2003.

CZEPAK, Isabel. Em crise, J quei Clube derruba bosque para construir hotel. **O Popular**, 23/nov./ 2007.

MATOS, Olgária. O sol triste das ruínas. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais. São Paulo, 29/out./1995.

MONTEIRO, L cia. J quei pode ter shopping center. **O Popular**, Goiânia, 31/dez / 2006.

QUIXABEIRA, Larissa. Moradora denuncia possível foco de dengue no J quei Clube, em Goiânia. **Jornal Op o**, Goiânia, 10/fev./2016.

RODRIGUES, Galtieri. Casa histórica demolida no centro de Goiânia. **O Popular**, Goiânia, 27/jun./ 2013.

O POPULAR. **Novo J quei**. Goiânia, 9/02/1975. p. 7.

✓ **Entrevistas**

MENEZES, José Amaury. Depoimento [nov/2013]. Entrevistador: Carolina Rodrigues Boaventura. Goiânia, 2013.

CAIXETA, Luciano. Depoimento [mai/ 2013]. Entrevistador: Carolina Rodrigues Boaventura. Goiânia, 2013.

CUNHA, Maria de Fátima Macedo da. Depoimento [abr/ 2013]. Entrevistador: Carolina Rodrigues Boaventura. Goiânia, 2013.

RIBEIRO, Patrik di Almeida. Depoimento [abr/ 2013]. Entrevistador: Carolina Rodrigues Boaventura. Goiânia, 2013.